

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros .....	2\$600	Trimestre ou 6 numeros .... 8650
Semestre ou 12 numeros ....	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega 8120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros .....	3\$000	Semestre ou 12 numeros .... 1\$500

3.º ANNO — VOLUME III — N.º 64

15 DE AGOSTO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.  
Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



O AVÓ — Quadro de Colombano Bordallo Pinheiro (Desenho do mesmo auctor)



## SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — A Custodia do convento dos Jeronymos, BRITO REBELLO — As nossas gravuras — Thackeray em Lisboa, ALBERTO TELLES — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, BRITO REBELLO — Notas soltas, Fr. FRANCISCO de Jesus Christo, JACINTHO PERES — De Buenos Aires á Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Bibliographia.

GRAVURAS. — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas-Artes em Portugal, em 1880, O Avô, quadro de Columbano Bordallo Pinheiro — O vapor que passa, recordações do Cabo da Roca, quadro de A. Keil — Africa Portuguesa, Lourenço Marques — A custodia do convento dos Jeronymos em Belem — Um gaúcho na Pampa — O dr. Tanner durante os 40 dias sem comer — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Sob a influencia de 32° acima de zero comprehende-se perfeitamente que a fantasia de uma cidade como Lisboa, esteja perfeitamente adormecida e que os grandes casos de sensação, que de ordinario constituem o encanto dos chronistas, desertassem para os recessos perfumados aonde a sombra consoladora das grandes arvores abriga os *torrados* do grande deserto da vida.

Entretanto, da *sombra das grandes arvores*, de Cintra e do Bussaco, dizem-nos correspondencias quotidianas publicadas nos jornaes que estão lá duas duzias de pessoas, o maximo, de onde eu depreendo que as alfombras do Passeio publico não são de todo desdenhadas pela população na quadra que vae correndo, ou que então os habitantes permanecem encerrados em suas casas, n'aquelles trajos paradisiacos tão adequados aos costumes da zona torrida como aos de Lisboa, n'esta epoca de monotonia e de duvida, com uma pressão barométrica excepcional pesando no craneo publico!

— Annuncia-se para o mez proximo a chegada do congresso anthropologico, a do Alviella e a do congresso litterario. A do Alviella é de certo a que vem satisfazer a uma necessidade mais instante porque, verdade, verdade, Lisboa está tendo muito mais sede de agua do que de sciencia; entretanto só teremos a ganhar se dos mananciaes com que a providencia alimenta a vida e a alma humana, os homens canalisarem para cá, conjuntamente com a agua, algum espirito.

Fazer a chronica da quinzena decorrida é dar uma nova edição da ultima publicada. Não se inventou mais nada de novo; nenhuma nuvem toldou a limpidez do firmamento lusitano. Tivemos até de recorrer ao estrangeiro em busca de factos que entretivessem os ocios das familias, e o dr. Tanner, ao passo que ia morrendo á fome, servia para alimentar a curiosidade de muitos que em volta de si não viam caso algum que lhes entretivesse a ociosidade da lingua. O excentrico doutor chegou, em fim, ao seu quadragessimo dia, são e... magro, e o grande, difficilissimo problema a resolver n'este momento, é acostumar-o outra vez a comer.

Tal qual havia de acontecer aos nossos professores de instrucção primaria se os governos amanhã resolvessem pagar-lhes um ordenado que lhes permittisse semelhante luxo gastronomico.

— A monotonia de Lisboa continuou nos ultimos quinze dias a ser cortada pelos trinados do piano de Essipoff, uma celebridade autentica e legitima que d'esta vez se quiz desforçar dos frios do norte submettendo-se a um regimen de estufa que só ás pianistas do Senegal seria dado supportar.

O maior elogio de Essipoff está em que ella no ultimo concerto, á maxima temperatura accusada pelo thermometro, teve suspensa do teclado do seu piano, uma multidão apinhada no theatro dos Recreios das nove á meia noite, durante tres horas consecutivas em que a ce-

lebre concertista executou dezeseite peças de musica, derramando torrentes de Shumann e de Chopin sobre um publico destilando entusiasmo e agua por todos os poros.

Ainda á ultima chamada de um grupo entusiasta Essipoff se sentou ao piano executando, como *mot de la fin*, o *Reveil du lion*, uma peça que só por si faz a reputação do pulso juvenil que a executa nas reuniões familiares. E de que maneira tocou Essipoff este trecho e todos os outros? D'uma maneira simplesmente admiravel, a fazer do piano, um instrumento desacreditado, um *instrumento magico!*...

Como expressão da suprema arte, Essipoff e Sarasate são as notabilidades mais excepcionaes que nos ultimos bons vinte annos teem encantado os ouvidos do publico de Lisboa, isto é, do fino publico, porque em todo o caso ha muita gente que preferirá sempre a *Perichole* cantada pela sr.<sup>a</sup> Irene Manzoni de quem n'este momento tanto se está fallando no norte do paiz.

E quando esta russa mysteriosa e inspirada, finissima e desdenhosa até ao ponto de parecer uma aristocrata foragida do imperio dos Romanoff, se fôr embora, o que será de nós?

Não sei, não posso prevel-o. A sede da grande arte, que a revelação das ultimas celebridades nos despertou, difficilmente será saciada pelos zulus dos Recreios ou pelos combates navaes do Passeio publico; é todavia certo que, a avaliar pelo favor como estas diversões guerreiras são recebidas, nenhum passatempo mais adequado a preencher o vacuo deixado nas almas pela ausencia dos sublimes inspirados que devemos á munificencia da empresa Amann!...

Para entreter o *fogo sagrado* fica-nos o pyrotechnico José Rodrigues.

— Nas regiões da segunda pagina da imprensa quotidiana debate-se a denominada *Questão litteraria*, cuja questão se cifra em certa commissão ter premiado como peça *original* uma peça de theatro que nunca o foi, nem jámais o será, qualquer que sejam as torrentes de prosa que o jury despeje em seu favor.

O caso é o seguinte: um auctor *festejado* como se costuma dizer, traduziu do francez não sei que trivial *vaudeville* de Scribe, e apresentou-o ao jury encarregado de verificar annualmente os productos do genio dramatico portuguez, como peça *original*. O jury assim o considerou e deferiu-lhe essa injuria monetaria a que na linguagem official se chama *premio*.

Agora os auctores das outras peças que concorreram ao certamen contestam, e com justiça, uma resolução de tal natureza, resolução em virtude da qual o espirito inventivo fica para todos os effeitos abolido em Portugal e seus dominios.

É claro que o *Asmodeu* não representa de todo em todo uma fraude. É uma peça engenhosa que estando posta em francez, em prosa corrente, foi pelo sr. Cesar de Lacerda vertida em verso que na sua maioria não corre. Entretanto ainda que o sr. Cesar de Lacerda tivesse a habilidade de fazer d'Scribe — por um supremo esforço de genio — o mesmo que Francisco Victor Hugo fez de Shakespeare, ou Gerard de Nerval, de Goethe, a questão ficava no mesmo pé. Se o *Cynismo*, *Scepticismo* e *Crença*, fosse feito pelo proprio Victor Hugo e traduzido simplesmente pelo sr. Lacerda, o *Cynismo* era uma peça fóra da legislação em vigor. Jámais á commissão seria permittido conferir-lhe o premio.

A *questão litteraria*, não tem pois razão de ser, ou por outra é uma questão julgada. A commissão encarregada de verificar as peças equivocou-se da mesma maneira que as nossas platéas se estão ahí equivocando todos os dias chamando á scena cavalheiros que nunca fizeram os dramas por que são victoriados.

— No theatro dos Recreios o *Armario das Afflicções*, traducção feliz da *Boite á Bibi*, de Gervasio Lobato, consegue ainda manter o coro de gargalhadas que a resurreição da *Botija* inaugurou n'aquella casa d'espectaculos, para a felicidade da qual successivas enchentes teem concorrido com o suor do seu rosto.

O *Armario das Afflicções* é uma *pochade* como só hoje as inspira a musa da bambocha parisiense, mas n'esta qualidade oxigena-nos o espirito areja-nos a alma tão preoccupada com as perniciosas que os poderes publicos accommettem denodamente a golpes de relatorio sem as poderem obrigar a partir de todo do bairro da Lapa, um dos *mais salubres da capital*. Entretanto as febres hão de partir e os governos hão de ficar sem que haja fumigações susceptiveis de *beneficiar* os povos accommettidos por esta *peste* necessaria.

Ribeiro e Lioni, um dos nossos actores de comedia mais completos e mais intelligentes, o mais *moderno* e o que melhor comprehende a nova maneira de representar, conservam o publico em hilaridade constante.

Por outro lado a Providencia conserva-o em transpiração permanente e n'estas condições não ha ninguem que não se possa julgar inteiramente feliz.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

## I

## A CUSTODIA

Havia Portugal attingido a idade viril. Colocado na parte mais occidental e no extremo sudueste da Europa, era como que uma atalaia perpetua a velar a vastidão do Oceano.

Para traz de si ouvia o zumbir d'este vespeiro da Europa, necessitado a enxamear a exuberancia da sua povoação. Lendas temerosas obumbravam de phantasmas e terrores o mar cujos limites se não conhecem; as vagas tradições da antiguidade nada deixavam entrever de positivo.

Um dia Portugal arma os seus navios, reúne os seus homens de armas, aproa ás praias africanas e cravando a sua lança robusta no coração de Ceuta, começa enfim a pagar aos mussulmanos espantados a sua divida de sete seculos.

As noticias, que o estabelecimento em Ceuta lhes transmite, conduzem os portuguezes a procurar saber o que jaz para o sul.

Cercado de uma pleiade de homens aventureiros e ousados, vae o infante D. Henrique preparando as suas caravellas. Munidas de tudo quanto a arte e a sciencia do tempo podia fornecer-lhes, vogam cautelosas e seguras, e ora contrariadas ora impellidas pelos ventos, vão descobrindo as costas, os cabos, as bahias, as enseadas, e os rios.

Agora uma tormenta as arroja ao pégo, e as faz encontrar uma nova ilha. Esse apparecimento fortuito anima os nautas a conversar o pelago sem termo, que reconhecido e agradecido lhes patenteia um sem numero de insulas occultas e ignoradas por milhares de seculos.

Gil Eanes, Diogo Cam, Gonçallo Velho, Tristão, Perestrello e outros vão desvendando os segredos da natureza. Bartholomeu Dias marca o limite extremo do continente africano. Vasco da Gama assignala-lhe a costa oriental, devassa o mar que o separa da Asia, e n'esta vae abicar com as suas destemidas proas. Cabral enfim descobre a terra de Vera Cruz e eis o mundo todo revelado á humanidade.

Aos descobridores seguem-se os conquistadores e os colonisadores, e o destino historico do heroico e pequeno paiz do Occidente está cumprido.

A noticia da descoberta do caminho da India alvoroça a Europa e a Asia.

A christandade, que o progresso das armas mahometanas fazia estremecer, vae ver-se livre do terrivel inimigo, pelo arrojo d'este pequeno povo, para quem depois tão ingrata e sobranceiramente olhará.

A missão historica do povo portuguez terá enfim a sua consagração artistica. Os feitos de Vasco da Gama farão converter n'um gigante de pedra, a pequena capella, que para protecção dos mareantes fundára cincoenta annos antes o



infante D. Henrique na praia do Rastello; transformarão n'uma preciosidade artistica — a custodia dos Jeronymos — o ouro das primeiras pareas pagas pelo oriente ao occidente; e suscitarão o genio immenso que n'um quadro conciso, vivo, e de uma força incrível, celebrará os maiores arrojões que nação alguma jámais praticou. Este quadro chamar-se-ha: *Os Lusitadas*.

As tres manifestações artisticas com quanto sessenta annos as intervallem concatenam-se, ligam-se e formam um todo harmonico e completo. Todas tres respiram o sentimento christão que presidiu ao desenvolvimento da nacionalidade portugueza.

Tratamos agora só d'aquella que representa o primeiro reconhecimento do dominio e supremacia de Portugal sobre o oriente.

Vasco da Gama na sua segunda viagem á Inda, impoz respeito ao regulo de Quiloa em Africa e d'elles recebeu como primeiras pareas mil e quinhentos meticaes de ouro, que continuariam a ser pagos annualmente. Recebido esse tributo pelo rei D. Manoel, resolveu este offertal-o ao rei dos reis, segundo a expressão consagrada.

Para esse fim incumbiu a Gil Vicente, ou-rives de sua irmã, a notavel rainha D. Leonor, viuva de D. João II, a feitura de uma custodia. Gosava o artista de merecida reputação na sua arte; era protegido por essa virtuosa senhora, provada em todas as obras de caridade, auxilio, e animação ás artes e cujas mãos foram balsamo a muitas dores, incentivo a muita esperança.

Outro homem notavel na arte que era ao mesmo tempo um tanto poeta, escriptor correcto, musico e desenhador, foi o autor do plano. Era este, Garcia de Resende. Poderiamos desconfiar um pouco dos gabos que o chronista se dá, a respeito da sua qualidade de desenhador, se as suas obras nos não assegurassem que o era e grande. A torre de Belem e a custodia dos Jeronymos não deixam duvida sobre o gosto artistico e pericia de Garcia de Resende n'esta arte. Ambas são dois monumentos preciosos, dois documentos irrefragaveis do apogeo da arte entre nós no tempo de D. Manuel.

A custodia dos Jeronymos em Belem, que a nossa estampa hoje representa é uma peça de ouro que pesa aproximadamente trinta e dois marcos, incluindo os esmaltes que a ornam. Tem de altura total 0,84, segundo o sr. Teixeira de Aragão.

(Continua).

BRITO REBELLO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

O AVÔ

Esta delicadissima e expressiva composição de Columbano Bordallo Pinheiro figurou na ultima exposição da sociedade promotora das bellas artes. Distinguem-n'a as qualidades que se notam de ha muito no distincto artista, e como quadro de genero é verdadeiramente notavel. É um episodio de familia tratado com um grande esmero e extrema suavidade, encantando ao mesmo tempo pela execução e pela idéa.

A expressão e a attitudo das figuras são d'uma verdade flagrante, denotando um estudo aturado e uma observação intelligente da parte do artista.

O VAPOR QUE PASSA

Este quadrosinho de Alfredo Keil era um dos que mais prendiam as atenções dos visitantes na ultima exposição da sociedade promotora das bellas artes. Tocado com graciosidade, aprazivel pela suavidade das tintas, atraente pelo assumpto, o publico comprehendia-o á primeira vista e não se cansava de o contemplar. Se bem que a corrente da critica esteja hoje mais disposta a favorecer com os seus elogios os trabalhos que não se prestam tanto á popularidade, é certo que tanto esta tela de A. Keil, como varias outras expostas pelo mesmo artista, mereceram os aplausos dos entendidos e concorreram para o esplendor da ultima exposição.

O vapor que passa foi adquirido pelo sr. Caetano Lopes da Silva.

### LOURENÇO MARQUES

O tratado celebrado entre os governos portuguez e inglez, com relação á nossa possessão, de Lourenço Marques tem dado logar a viva e acalorada discussão entre a imprensa periodica dos diversos matizes politicos.

Não nos cabe entrar n'essa discussão, mas apresentando ao publico uma vista d'aquella villa, cujo desenho devemos ao sr. Isaias Newton, distincto paizagista ha pouco d'alli regressado, e que fez parte da commissão de obras publicas d'aquella localidade, daremos algumas noticias relativas áquelle districto.

Jaz Lourenço Marques no extremo sul da provincia de Moçambique a 26.º, 30' latitude sul, encosta á serra do Libombo, formando um territorio de dez mil milhas quadradas proximamente. Uma bahia, explorada definitivamente em 1544 por Lourenço Marques, de quem tem o nome, tambem appellidada *Formosa*, torna o seu porto o melhor da Africa oriental, capaz de conter navios de todas as lotações.

Está bem assente a villa. Despresada, como quasi todas as nossas possessões, foi necessario que os inglezes a cubicassem para se começar a olhar para aquelle bello trato de terreno. Gosa o clima mais temperado da nossa Africa ao sul da linha, e podia cobrir-se de povoações florentes, se se aproveitassem devidamente os pontos salubres, e se salubrisassem os outros. Varios rios fertilizam aquelle territorio, tres são o Umbeluse, o rio do Oiro, o Mambica, o Tembi, etc. que nascem a grandes distancias e são locupletados por outros afluentes.

Confina o paiz com os cafes, e territorio da outrora republica do Transwaal. Tentaram os inglezes primeiro occupar alguns territorios de Lourenço Marques, para o que nos disputaram a sua posse, como se se podesse disputar com os portuguezes sobre a prioridade de algum ponto que elles occupem na Africa ou na Asia. A arbitragem do Marechal de Mac-Mahon, presidente então da republica franceza foi-nos favoravel, concorrendo para isso os estudos e memorias elaboradas pelo visconde de Paiva Manso.

Carecia a republica do Transwaal de um porto para saída dos seus productos e entrou em negociações com o governo portuguez, para a factura de um caminho de ferro de Lourenço Marques ao seu paiz. Nem o governo portuguez, nem o governo da republica cuidaram como deviam do assumpto. A sua resolução protelon-se; no entanto os inglezes, que não perdem de vista o progresso das suas possessões, saltaram por tudo, e a 12 de abril de 1877 foi consumado o grande attentado, e declarado o paiz do Transwaal annexo á possessão inglesa do Cabo.

Os tratados pendentes com a republica ácerca do caminho de ferro ficaram prejudicados com a nova face das coisas, e d'ahi veio a necessidade de um tratado com a Inglaterra. O resto é do dominio de todos.

Contava a povoação de Lourenço Marques em 1878 apenas 458 individuos de raças mais ou menos brancas, portuguezes, asiaticos e mestiços, sendo dos primeiros apenas 77 homens e 9 mulheres, incluindo empregados publicos. Ja se vê a conveniencia que havia do governo fazer convergir para aquelle ponte parte da emigração do paiz, nomeadamente a dos Açores que se vae para a America etc. As concessões de terrenos nos ultimos annos, foram quasi todas feitas a estrangeiros.

Os melhoramentos empreendidos em Lourenço Marques nos ultimos annos, consistiram na remoção das palhotas para fóra das muralhas; no dessecamento do pantano que é o tracto que occupa o primeiro plano de nossa gravura entre os terrenos mais elevados e a villa; na construção de um dique de terra e pedra ensossa na extensão de 1200 metros, para impedir a entrada da agua salgada nos terrenos expostos, com o que se conquistou ao mar uma area de 555-000 metros quadrados, abrindo-se pelo meio d'ella uma larga valla, e ainda outras de communicação e derivação, tendo todas o desenvolvimento de 3:000 metros.

A plantação de eucalyptos junta a estas obras deve ter melhorado muito as condições da villa. Não obstante, o outeiro proximo a ella, parece estar destinado para ser a residencia definitiva dos europeus e o principal assento da nova povoação.

As barracas enviadas de Lisboa, e já todas armadas em numero de 19, servem de hospital, havendo um grande barracão para officinas.

Acham-se em construção uma egreja e um hospital permanente. Foram reconstruidos os quartéis e dependencias da fortaleza de N. S. da Conceição da antiga povoação, parte da residencia do governador, de outro

quartel do baluarte 31 de julho e paicos. Na Inhaca abriu-se uma estrada do outeiro sobre o cabo Mindello, e ahí se edificou uma parte do quartel destinado á guarnição da ilha.

Estão pois lançados os fundamentos do progresso da colonia, resta que nem o governo affrouxe no proposito encetado, nem os braços e as forças vivas da nação deixem de concorrer para elle.

Nos *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China* do sr. C. J. Caldeira, no opusculo *Les Colonies portugaises* do sr. Bulhões, na conferencia do sr. Augusto de Castilho publicado já este anno pela sociedade de geographia, intitulada *O Districto de Lourenço Marques*, e nas Memorias do Visconde de Paiva Manso, principalmente se encontram os subsidios historicos ou estatisticos relativos a esta colonia.

J. B.

### A EXPERIENCIA DO DR. TANNER

Um medico anglo-americano, o dr. Tanner, propoz-se ha pouco resolver um grave problema: se o organismo humano póde sustentar-se por muito tempo sem comer, absorvendo simplesmente agua. O excentrico medico resolveu fazer a experiencia no seu proprio corpo, e é já sabido, que o exito justificou até certo ponto a theoria defendida com entusiasmo por Tanner.

O corajoso medico conseguiu, no meio de soffrimentos horribes, chegar vivo ao quadragésimo dia da experiencia, nutrindo-se exclusivamente d'agua, conforme o juramento que prestou diante dos seus confrades.

A experiencia começou no dia 28 de junho e terminou no dia 5 de agosto, sendo o *paciente* vigiado noite e dia por medicos que se alternavam e eram obrigados a jurar que o doutor não tomara alimento algum. Para maior precaução, o paciente estava isolado n'uma grande sala, sobre um leito collocado em cima d'uma meza, de fórma a não poder de maneira alguma illudir a vigilancia dos guardas.

Durante os primeiros dias, Tanner não tomou alimento algum, nem qualquer especie de bebida, havendo receio de o ver, d'um momento para o outro, expirar de inanição. O seu peso diminuiu vinte e cinco libras. A começar do decimo quinto dia principiou a beber agua em quantidade relativamente consideravel, e em menos de quatro dias o seu peso ganhou quatro libras e meia. Dava passeios de carroagem, sempre vigiado rigorosamente, e no vigésimo quinto dia deu mesmo um pequeno passeio a pé. Era constantemente submettido ao exame de duas escolas rivaes, de fórma que toda a tentativa de fraude seria impossivel, havendo apostas consideraveis de um e outro lado.

Por ultimo, o peso do dr. Tanner diminuia uma libra por dia, mas a sua tenacidade augmentava n'uma proporção ainda mais consideravel. Tanner tornava-se sombrio, taciturno, comatoso, a ponto de infundir pavor a muitos que o rodeavam, mas insistia sempre. Como a agua fria parecia fatigar-lhe os orgãos, passaram-lhe a ministrar-lhe agua morna, e depois, por indicação do paciente, foram-lhe applicados a diversas partes do corpo pannos humedecidos em alcool, o que lhe restituiu umas sombras de vigor.

Por fim Tanner alcançou o termo do periodo da experiencia. Estava vivo; mas da terrivel prova que se submetteu nem a sciencia nem a humanidade parecem ter alcançado vantagens em proporção do sacrificio. Só os creditos de excentricidade, gosados ha muito pelos da sua raça ficaram estabelecidos em bases ainda mais solidas.

A experiencia Tanner, como sempre succede em casos identicos, está dando logar em todo o mundo a uma serie de outras não menos curiosas. Ha quem aposte estar muito mais tempo sem comer, e ha quem aposte o contrario — comer fabulosamente a todas as horas.

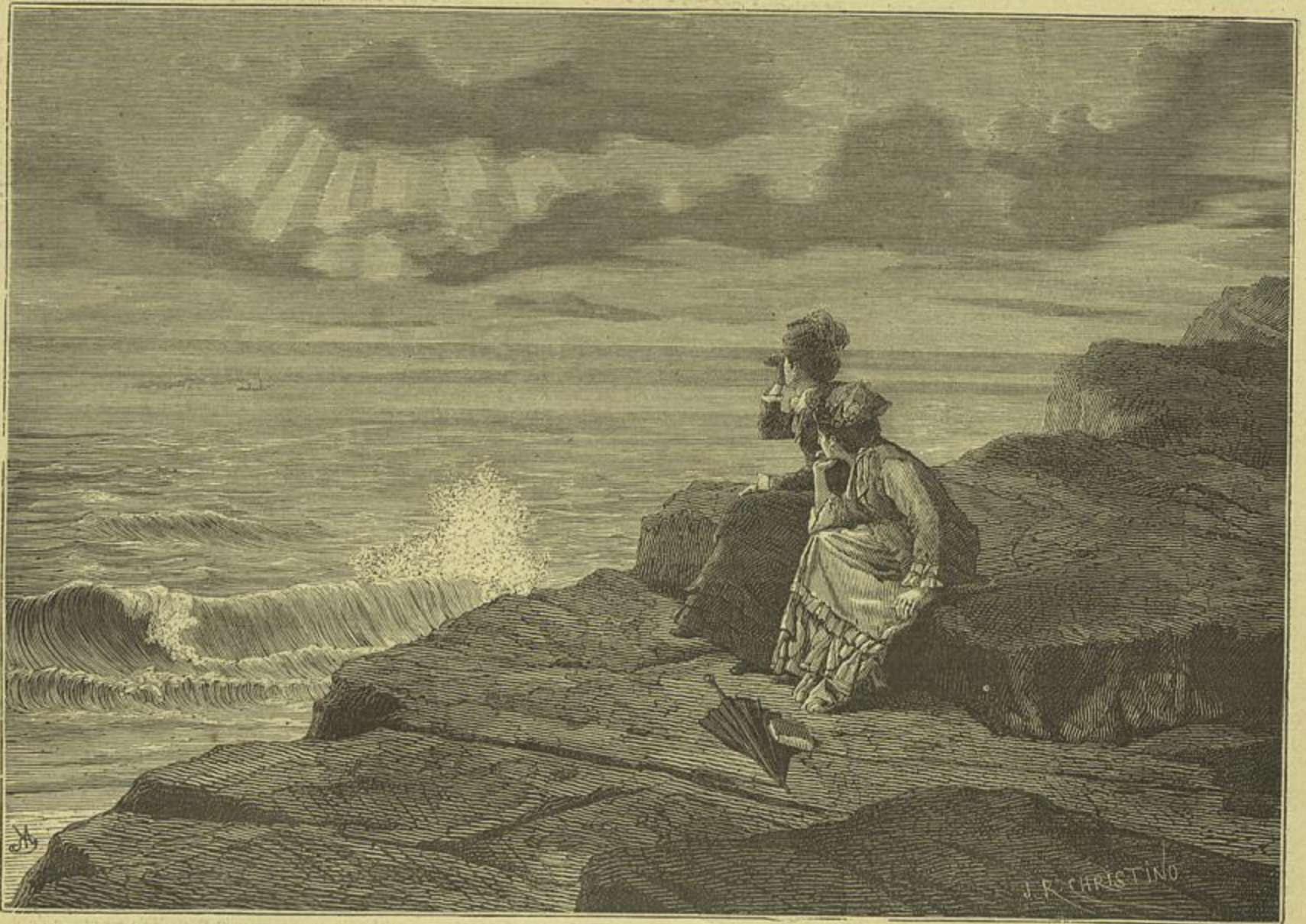
Por outro lado invocam-se recordações que diminuem as proporções da proeza do dr. Tanner. Cita-se um camponez americano do estado de Albony, que em 1621 se recusou a tomar qualquer especie de alimento que fosse, julgando com este jejum forçado ganhar a salvação eterna, e morrendo simplesmente de fome passados cincoenta e tres dias.

Um jornal que se publicava em Lisboa, em 1804, intitulado a *Gazeta de Hollanda*, conta o caso de um preso ter ficado por esquecimento na cadeia do Aljube, quando os presos d'esta cadeia foram transferidos para a do Paço da Ribeira, e permanecer n'aquella clausura durante seis mezes, nutrindo-se apenas de moscas, formigas, percevejos e outros parasitas.

Em todo o caso, a experiencia Tanner é de uma natureza muito diversa. Nem sequer estar ás moscas era concedido ao intrepido doutor !.



EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



O VAPOR QUE PASSA, RECORDAÇÕES DO CABO DA ROCA — Quadro de A. Kist, pertencente ao sr. Caetano Lopes da Silva (segundo desenho do mesmo auctor)

## THACKERAY EM LISBOA

### VII

Os arcos das aguas livres. — Partida de Lisboa. — H. M. S. Caledonia. — Conclusão.

Por mera condescendencia com um dos companheiros que tinha sua queda para o classico

(*a classic turn in the mind*) foram todos ver tambem os arcos das aguas livres.

No caminho da Ajuda para o aqueducto Thackeray differencou ao longe entre magnificos arvoredos as paredes amarellas do paço das Necessidades, muito menos apparatuso, diz elle, que o da Ajuda. Acrescenta que fica situado entre Lisboa e Belem, e que era a residencia

da rainha. Ao respeito, não nos dá nenhuma outra novidade.

Pouco faltou para que não praguejasse as estradas (chama-lhes simplesmente *levadas de todos os diabos*), e não menos as carruagens, que eram pessimas, e faziam um grande estrepito nas pedras da calçada. Tudo isto é dito por elle em mui poucas palavras: — *in the worst carriage*

## AFRICA PORTUGUEZA



LOURENÇO MARQUES — (Desenho do natural por Isaias' Newton)



ges, over the most diabolical, clattering roads. E lá foi aborrecido a subir e a descer aridos outeiros escaldados, nos quaes se viam poucas oliveiras e muitos aloes. É realmente extraordinaria a grande abundancia de aloes que Thackeray estava sempre a encontrar aqui por toda a parte! Diz tambem com toda a segurança que levou tres horas para chegar aos arcos. Lá custa a crêr, na verdade, mas não é invenção minha; affirma-o elle: — *on a dismal excursion of three hours.*

A entrada para o aqueducto estava fechada, e portanto só viram a porta e os arcos altissimos. Apesar d'isso, não perderam as passadas. Havia lá um letreiro e com elle entretiveram a bem natural curiosidade.

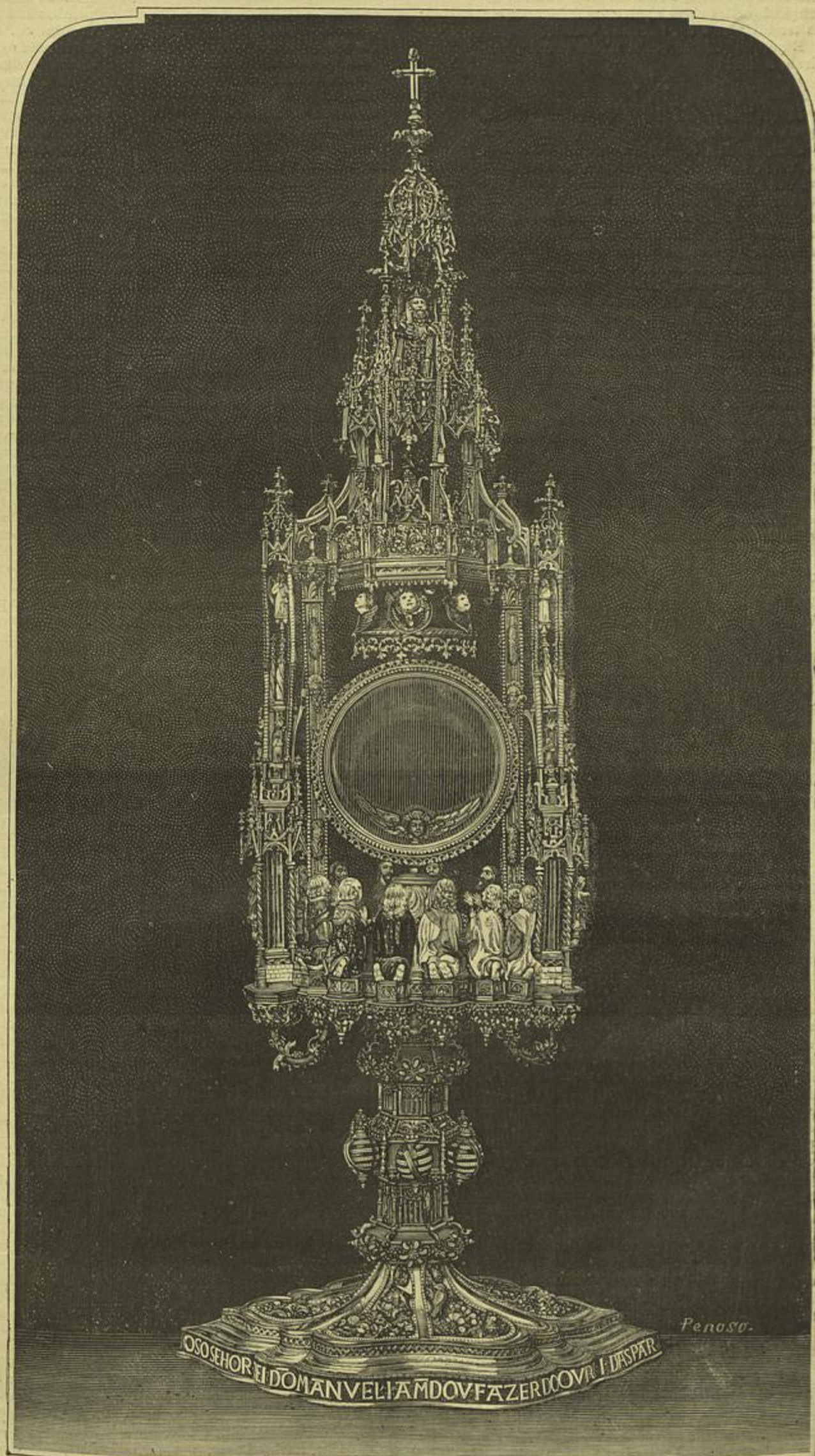
Conforme o testemunho do nosso auctor, o que dizia o tal letreiro vinha a ser isto: — um character respeitavel, durante algum tempo, não mui remoto, alli fizera bom negocio com uma chave particular que tinha do aqueducto, indo para lá esperar os viandantes incautos (como nós, diz Thackeray—*like ourselves*) para atirar com elles dos arcos abaixo e os despojar depois, muito á vontade, de tudo o que levavam consigo. — Escuso proferir o nome de Diogo Alves... O leitor já se recordou, e já advertio que a esse grande facinora se refere esta passagem; e leu tambem, naturalmente, *Os crimes de Diogo Alves* pelo sr. Leite Bastos.

Na volta para Lisboa ia-se chegando a hora de tornarem para bordo. Mas primeiro entraram n'uma hospedaria, e diz o nosso viajante que, se ella não era de primeira ordem, a conta, pelo menos, faria honra á melhor de Londres. Saíram de lá para fóra contentissimos; sendo que estavam tambem muito satisfeitos por irem deixar a cidade abrazada pelo sol e tornarem para casa (*go home*). A *casa* era o vapor com o seu cano preto e, á prôa, o vulto dourado de *Lady Mary Wood*; assim se chamava a pequena embarcação.

Muito o escandalizou o serviço da saúde. Diz que as nossas auctoridades são muito desconfiadas dos estrangeiros, quando d'aqui partem; e que por espaço de uma hora estiveram parados no rio junto do escaler da saúde, de cuja repartição é mister haver carta limpa para se poder sair do porto.

Descreve de uma maneira extravagante a scena do embarque:— Succediam-se botes apoz botes, apinhados de padres, saloios, mulheres e gallegos vestidos de escuro com seus cintos escarlates. As mulheres pareceram-lhe feias, e os gallegos bonitos!

Pediam em altos brados que os desembarçassem, mas os empregados da saúde es-



A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM (Segundo uma photographia de Lauran)



tavam muito descansados da sua vida a fumar nos seus charutos, e sem darem a minima attenção áquelles rogos e pareciam delectar-se em os ter ali postos em tamanha vozeria.

E porque tudo se acaba n'este mundo, partiram a final!

Já muitas legoas longe de Portugal, nas aguas de Trafalgar, escreveu o que se segue:

«Ora, hontem em Lisboa vimos a *Caledonia*, da nossa marinha de guerra, que despertou em nós sentimentos de respeito e de um prazer cheio de terror. Lá está elle, o immenso castello do mar, com o invencivel estandarte da nossa patria. Não tinha mais do que abrir as fauces, para assim dizer, e seria causa de um segundo terramoto n'essa cidade. E fallia desaparecer da face da terra, com os palacios da Ajuda e das Necessidades, as egrejas e as pobres ruas desertas e cheias de pó, mais aquelle tremendo D. João, que está em cima do seu cavallo no meio do Terreiro do Paço. Para onde quer que olhassemos se podia ver a formidavel *Caledonia* com as suas tres reluzentes ordens de peças.»

*Ainda me estou benzendo, depois que isto li — disse uma vez no pulpito o padre Antonio Vieira. E Castilho, escrevendo ao venerando Monte Alverne: O homem é cada vez mais rei da criação e mais malcreado tambem.*

Foi isso o que me lembrou ao fechar o livro de Thackeray, que puz de parte.

Sentia-me affrontado.

Agora, passada aquella impressão, entendo (bem ou mal) que um escriptor de primeira plana, como William Thackeray, que não trepida em traçar essas linhas, para amostra do que é a soberba desmarcada dos nossos fiéis alliados, desmerece tudo no conceito dos leitores portuguezes, e pelo seu inqualificavel desaforo perde inteiramente o direito á attenção que alguns consagram a outros pensadores da Gran-Bretanha, não menos illustrados e mais justos, como é o insigne auctor da *Vida do Infante D. Henrique*.

ALBERTO TELLES.

## Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

### FESTAS ANTERIORES

(Continuado do n.º 62)

Retirando-se elles um pouco á parte, mas ficando muito proximos, logo entre o bispo de Sigüenza, duque de Bejar, e Infantes se mostraram os poderes que cada um trazia, fazendo-se então a solemne entrega da rainha, que, cercada pelos infantes, fidalgos portuguezes e hespanhoes e acompanhada de um numero concurso de povo de todos os sexos e edades, entrou em Elvas no meio das demonstrações geraes de respeito, alegria e regosijo publicos, officiaes e particulares usados em taes occasiões. D'alli partiu para o Crato onde a esperava el-rei, e onde se receberam, como sua irmã o havia feito com D. Manuel. Que recordação para D. João! Pouco depois partiram para Almeirim, onde passaram no meio do regosijo geral o que hoje se chama a lua de mel.

Garcia de Resende encarecendo estas festas em sua *Miscellanea* diz o seguinte, differindo porém de fr. Luiz de Sousa e outros na localidade, onde se realisou o recebimento:

Vimos o seu casamento com irmã do imperador, vimos tão gran juntamento em Elvas, tanto senhor, que falar em mais é vento.

Cinco mil encavalgados grandemente ataviados, muito ricos, mui galantes com os senhores infantes na raia foram juntados.

O ouro, a pedraria canotilhos e bordados as perlas, a chaparia os forros, os esmaltados não tem conto, nem valia.

Em Extremoz se juntaram, as vodas hi celebraram, nunca tal par se juntou: Deus assim os conformou, que em tudo se conformaram.

Pouco tempo havia que D. João III gosava as doçuras matrimoniaes, quando começou a promover com calor o enlace de sua irmã, a gentil infanta D. Isabel, com o imperador Carlos V, seu cunhado.

Fôra este um dos anseios de seu pae, ao qual nos derradeiros momentos, promettera seu filho envidar todos os esforços para a sua realisação. A agradável e sympathica convivencia com a formosa rainha D. Leonor, e agora com sua irmã a rainha D. Catharina, devia influir poderosamente n'estas, para que encarecessem perante seu irmão os dotes physicos e moraes da suave e encantadora princesa.

Tratado ao principio por cartas, recados e conversações, passou a tratar-se o casamento publica, e officialmente pelos meios diplomaticos.

Convocou logo cortes D. João III, as quaes se deviam reunir em Thomar, mas, por causa das doenças que então ali grassavam reuniram-se em Torres Novas. Era a convocação destinada á votação dos meios necessarios para o dote da infanta imperatriz, e trataram-se n'ellas outros assumptos de importancia para o reino, mas que não fazem ao nosso proposito.

Com relação á imperatriz resolveram os povos auxiliar el-rei com cento e oitenta mil cruzados pagos em dois annos.

Quando os estados se achavam reunidos chegaram a Torres Novas os embaixadores do imperador Carlos Popet, senhor de la Chaux e João de Estuniga, cavalleiro de S. Thiago, com os quaes se juntaram por parte de Portugal, D. Antonio de Noronha, irmão do marquez de Villa Real e Pero Corrêa. Das suas conferencias, resultou o accordo firmado por escriptura a 17 de outubro d'este anno de 1525.

Em correspondencia ao que se havia feito com relação á infanta rainha D. Catharina, conveio-se que o tirar da dispensa ficaria por conta do imperador; que el-rei daria de dote á infanta novecentas mil dobras de ouro do valor de trezentos sessenta e cinco maravdis a dobra, entrando n'elle o que a infanta herdara de sua mãe, deduzindo-se porem o que o imperador ainda devia do dote de sua irmã D. Catharina, e do dinheiro que el-rei D. Manuel lhe emprestára por occasião do levantamento das comunidades. O imperador daria de arrhas á infanta trezentas mil dobras do valor das do dote, e para o governo e custeio de sua casa quarenta mil dobras annuaes, a que o imperador acrescentou mais dez mil por sua conta, com que elevou a consignação annual a cincoenta mil dobras. No dia seguinte foram as escripturas solememente ratificadas.

Com relação ao dote dado por D. João III diz Garcia de Resende:

Vimos-lhe largar a mão grandemente em dar dinheiro, vimol-o tão bom irmão da irmã tão verdadeiro, como sabem quantos são: polla fazer mór senhora que foi no mundo té agora de imperios e reinados, um conto d'ouro em cruzados lhe deu de dote em huã hora.

De Torres Novas passou-se el-rei a Almeirim, como logar mais accommodado e de paços reaes mais amplos para a cerimonia dos desposorios. Celebraram-se estes com toda a pompa na noite do primeiro de novembro entre o embaixador Carlos Popet, em nome do imperador, e a infanta, fazendo a cerimonia o bispo de Lamego, capellão mór.

Em seguida houve sarau, dansando a rainha D. Catharina com sua cunhada a imperatriz infanta D. Isabel; el-rei com D. Anna de Tavora, e os infantes com varias damas da rainha; durando a festa até ás duas horas da ante manhã.

No dia seguinte houve solemne e magnifico jantar, e tanto n'um como n'outro acto a joven imperatriz esteve sempre collocada entre o rei e rainha.

Depois de tudo isto feito, ao tratar-se da partida da infanta, foi que, segundo o costume portuguez, se reconheceu certo defeito na bulla da dispensação de parentesco, pelo que foi necessario espaçar a partida, e impetrar nova bulla.

Esta demora fez com que um lucto verdadeiro e merecido viesse desdobrar os seus crepes sobre tanto goso e folgar.

Como succedêra nas bodas do principe D. Affonso, como succedêra nas bodas d'el-rei D. Manuel, uma pessoa da familia real falleceu, interrompendo o regosijo publico. D'esta vez não era só uma virtuosa princesa, não era a esperanza de um throno, mas era o exemplo da caridade, era a protecção das artes, das letras que desaparecia da face da terra, era a rainha D. Leonor, a viuva de D. João II. A mão que derramára tantos beneficios sobre os necessitados, que enxugara tanta lagrima, que impulsara tanta vocação, que amparára e animára tanta empresa util e proveitosa esfriava para sempre, deixando um vacuo, que só bastantes annos depois foi de alguma maneira prehenchido, pela illustre infanta D. Maria. O nome da rainha D. Leonor que falleceu a 11 do proprio novembro em que se celebravam aquellas festas, não pôde ser esquecido por quem ama a sua patria e venera os que trabalham para a sua gloria e progresso.

(Continúa).

BRITO REBELLO.

## NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

### II

Pelos annos de 1530 a 1533, veio estabelecer-se em Elvas o physico e cirurgião Nicolau de Leão. Trazia em sua companhia sua joven esposa, uma elegante e formosa hespanhola Maria Fernandez de Abreu.

Era o licenciado natural do reino de Napoles. Habilitado com o grau competente saíra de sua patria, dirigira-se a Hespanha, e percorridas algumas partes d'ella, veio achar-se em Casalha de la Sierra, onde então habitava o pae de Maria Fernandez com sua familia, que havia tempos tinham deixado Jaen sua patria.

Maria Fernandez era então muito nova, e dotada de bastante formosura, e o licenciado seduzido de suas graças sollicitou e obteve a sua mão, julgando o pae haver conseguido para ella uma collocação vantajosa. Não se enganou em parte.

Estabelecidos em Portugal e n'aquella fronteira de Castella, alli gosaram proximamente dez annos de completa felicidade. O saber e a pericia de Nicolau abundavam-lhe a casa com o fructo de seus trabalhos, e a gentil hespanhola, prolificando sem grandes interrupções, ia transformando o licenciado n'um verdadeiro patriarca; porém quando este feliz casal se achava fructificado em quatro rapazes e duas raparigas, um desguisado qualquer, cuja origem não sabemos, obrigou o physico a homisar-se em Badajoz.

Fôra mui natural que o homisio cessasse, findo algum tempo, mas a fortuna esquiua que nem sempre desdobra o seu manto de felicidades sobre aquelles que uma vez bafejou, feriu com um golpe profundo o seio d'aquella familia. Nicolau de Leão, falleceu no homisio. Maria Fernandez, achou-se por isso em terra estranha cercada de filhos, e desprotegida do braço que até alli lhe fôra amparo, guia e auxilio.



Que fazer em tão miserando transe? Realisar os seus haveres, vender os bens adquiridos, juntar os meios que podesse, que ainda eram avultados e dispôr-se a sair de Elvas, foi o primeiro pensamento.

Para onde ir? para Jaen terra de seu pae? Ouvira em pequena dizer que sua mãe era portugueza e de Lisboa, e que ainda aqui tinha um irmão.

Veiu pois procurar o tio acompanhada, da sua numerosa prole e em Lisboa se estabeleceu.

O mais velho dos filhos chamava-se Nicolau. Era um rapaz travesso, buliçoso, e muito amigo de folgar e brincar, sem cuidado nenhum do presente, nem apreensões ácerca do futuro. Os mais parece que seguiam em tudo o seu destino, ajudando sua mãe e conformando-se com os seus dictames.

Era o tio Vicente Gonçalves, morador então á porta do ferro. Naturalmente foi elle quem dirigiu os primeiros passos da pequena colonia n'esta Babylonia do seculo XVI.

Desejosa de dar a seu filho mais velho algum modo de vida, mandou-o Maria Fernandez aprender a lèr com um mestre que morava junto ao mosteiro do Carmo e proximo da casa que ella habitava. Pouco aproveitou n'aquella escola, pois apenas chegou a conhecer os primeiros rudimentos da leitura. Ou porque os frades do Carmo lhe reconhecessem esperteza, ou porque a visinhança da escola a isso o estimulasse, andou por esse tempo vestido no habito carmelita, coisa muito commum n'aquella época, vestirem os rapazes o habito d'uma qualquer ordem monastica.

Cuidosa a pobre mãe do destino d'este seu buliçoso filho, resolveu dar-lhe uma occupação proveitosa. Vivia proximo de sua casa um sombreiro hespanhol, por nome Antonio Camacho, o qual se encarregou de lhe ensinar o seu officio. D'esta tentativa não vingou cobrar resultado. Poucos dias depois de começar a aprender o officio abandonou a officina, e eil-o de novo nos braços da mãe.

Apezar da descoberta da imprensa ainda a arte da illuminação, já um pouco declinada, não estava despresada. O seculo XVI deixou-nos ainda documentos preciosos d'esse bello ramo das Bellas Artes, que hoje tanto admiramos e em que a vista tanto se compraz. Era conhecido entre os habéis illuminadores da época Antonio Fernandes que residia fóra da porta de Santa Catharina.

Fôra convidado para ir a Thomar executar alguns trabalhos da sua arte, — naturalmente para os freires do convento de Christo d'aquella Villa, e por ventura de adornar os bellos e collossaes livros do Tombo da Ordem, hoje recolhidos no archivo nacional da Torre do Tombo, — precisava de um moço que o acompanhasse a Thomar e constando-lhe que junto ao Carmo vivia uma mulher que queria dar collocação a um filho menor, foi avistar-se com ella, com quem se concertou, e que resolveu entregar-lh'o, muito satisfeita por achar quem d'elle se quizesse encarregar.

Feitos os preparativos necessarios partiu Antonio Fernandes para Thomar, com o seu aprendiz Francisco.

Segundo diz o seu mestre, era Francisco de Leão ou de Abreu muito revoltoso, mexeriqueiro, embrulhador, mentiroso e pouco constante, mas em compensação era porém muito agudo, e curioso para vêr e sabêr todas as cousas.

Apenas chegou a Thomar entrou logo a derramar as phantasias e tretas que a sua fertilissima imaginativa lhe suggeria. Propalava e publicava por toda a parte que era irmão mais novo do illuminador; outras vezes que não precisava trabalhar, porque tinha riqueza bastante que lhe herdara um parente da India, e outras quantas patranhas em que o seu engenho começava a desenrolar-se.

Ao fim de quatro ou cinco mezes de vida em Thomar, não podendo o illuminador aturar mais tempo os desvarios do rapaz, despediu-o, mandando-o apresentar em Lisboa á mãe.

É natural que esta tivesse por esse tempo vindo habitar para o postigo de Santa Anna,

onde a sabemos ainda no periodo em que abrimos o nosso conto.

Então mandou-o de novo aprender a lèr e escrever, para o que o entregou aos cuidados do muito conhecido mulato Affonso Alvares, um dos mais notaveis professores de instrucção primaria de Lisboa, e cuja escola era então muito procurada e frequentada.

(Continua.)

JACINTHO PERES.

## DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CGRDOBA

(Continuação)

«Acaso la segunda figura que llama la atención por su naturalidad, es la de Francisco Pizarro.

«Ahí está vestido de luto, con su sombrero de fieltro, como lo describe Oviedo, añadiendo la hipocresia á la perfidia. Arrogante y bien plantado, es el Pizarro de los lances romancescos que conocemos, y el que los historiadores nos describen.»

— Una sola objeccion, acudió Santiago Estrada. Es verosimil el embozo de sua capa asistiendo á las ceremonias católicas de un funeral?

— No, por supuesto, por que tuviese en ello el menor escrúpulo, que asaz probada tiene no ya tan solo su despreocupacion, sino que tambien su descreimiento. Pero no por respeto al Ser Supremo, sino al ser ruinisimo del P. Valverde, y sobre todo por cálculo de hipocresia, no parece probable que ese trasunto de Felipe II se presentase en la iglesia dando ejemplo de irreligiosidad, es decir, exhibiendo su interior en aquella actitud irrespetuosa.

«Pero sea de esto lo que quiera, Pizarro está ahí con su carácter propio; con el atrevimiento del bastardo de un gentil hombre; con la vanidad inherente al que comenzó su carrera guardando puercos, sin tener las altas dotes de Sixto V para hacer olvidar en el poder, su baja extraccion.

— El es... exclamou Balleto; el Francisco Pizarro de Guillermo Mata, e recitou:

Dadle oro; es su ambicion, es su deseo,  
El oro es su esperanza, es su creencia,  
Sus ensueños son minas de opulencia;  
Oro es su gloria, y sangre su trofeo!

Alma de piedra y corazon pigmeo,  
Indigno aventurero sin conciencia,  
Manchará de su cuna la indigencia  
Con el crimen mas vil, odioso y feo.

Tiembla, Pizarro! La imparcial historia  
Ya te juzga y sentencia, y aunque tarde,  
Rasga el velo dorado de tu gloria:

Marca tu frente con la letra estraña  
Que señala al avaro y al cobarde:  
Digna corona de tu indigna hazaña!

— Asi, continuou Behety, poetas, pintores, literatos, hombres todos de corazon, austeros demócratas del universo, varones justos de la tierra, deben conjurarse para botar de su usurpado pedestal á esa divinidad esterminadora; para hundir en el polvo la frente de Pizarro á quien escritores sin conciencia incluyen en la galeria de la conquista de America al lado del apóstol Bartolomé de las Casas, que debiera figurar siempre á su lado para rehabilitacion del nombre español tan vilipendiado por los bárbaros de la conquista.

«Asi el autor de los *Funerales de Atahualpa* ha puesto su preciosa piedra á los cimientos de ese edificio de la historia trascendental y filosófica de los conquistadores, colocando en primera linea á Pizarro á la cabecera del fé-

retro del traicionado Inca, para perpetuar al memoria del crimen mas bajo que se haya cometido.

«A los piés de ese féretro se encuentra el P. Valverde, el mas acabado antitesis del P. Las Casas, agoviado no tanto por los años, quanto por el peso de la conciencia que debiera abrumarle en medio de aquellas escenas de barbárie á que tan de buena voluntad contribuyó. Su mirada baja, torba y de soslayo caracteriza bien al personaje. Su rostro habla; su actitud es llena de naturalidad. Tiene en su diestra el hisopo con que hace aspersiones sobre una mujer tendida á sus piés, y que es para él una endemoniada.

«El P. Valverde cierra, por decirlo así, la mitad del escenario de los *Funerales de Atahualpa*. Entre él y Pizarro y detras de este, solo hay figuras de menor movimiento; distinguiéndose, sin embargo, aquel semblante desparpajado del fraile que tiene el breviario en la mano y que de todo se ocupa menos de él.

«En pausado diálogo se encuentran tambien á espaldas de Pizarro dos de los conquistadores: probablemente Almagro y uno de los hermanos de Pizarro: ambos de franca y natural apostura.

«He dicho que el P. Valverde cierra como la mitad del escenario; pero entiendase solo, que la accion es doble, y no que haya dos grupos separados. Porque si bien es cierto que el que acabo de recorrer se distingue por la calma, ó mejor dicho, el cálculo sombrío de aquella escena de muerte; y el otro grupo por el delirio y la desesperacion; no es menos cierto que existe la unidad toda del cuadro.

«Esa continuacion de él describe la irrupcion violenta que hicieron en el templo las esposas de Atahualpa protestando contra aquella manera de celebrar los funerales de un Inca, y ofreciéndose en holocausto segun los ritos de su religion que las obligaba á sacrificarse para acompañar á sus esposos al mundo de los espíritus, á las regiones del sol.

«Esas desgraciadas son detenidas por la gente armada que se encuentra en la celebracion de los funerales, y que se avanza hácia la puerta por donde ya han entrado algunas de ellas, y una sobre todo que se ha puesto inmediata al P. Valverde; interponiéndose entonces entre ambos el fraile que lleva en su mano izquierda la caldera del agua bendita, mientras con su derecha levantada en actitud de apaciguar, rechaza suavemente á la India.

«Esta, que entrelaza sus manos elevadas hasta el rostro en ademan suplicante, es detenida por detras por un militar, quien tomándola por la cintura que rodea con su brazo izquierdo, intenta con el derecho estendiendo su mano sobre otra India que llora, hacerla levantar y salir del templo. Esa mano que se estiende como destacándose del cuadro, relata la intencion del militar; es espresiva y elocuente.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Contas na mão diabo no coração.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.



«Como no lo es menos el episodio que sigue, en dirección a la salida del templo. Otro militar se interpola entre dos Indias tomando por el cabello a la que representa eficazmente la imájen de la desesperación, en tanto que se encara con la otra a quien toma por la mano, que ella le retira en actitud indignada. Oyesele hablar a esta; vése a la otra con su seno a medio descubrir; su brazo izquierdo pasado por detrás de la nuca y el derecho casi horizontal y rígido; entre hincada y sentada; la boca enseñando sus dientes superiores, y sus ojos todo el desgarramiento de su alma; parece se escuchasen sus gritos descompasados que el templo repercutiera.

«Otra India tiene de la mano un chico como de cuatro años, el que si por una parte es un modelo en si mismo y en la naturalidad con que se prende con sus dos manos del brazo de la madre; al que entrelaza el izquierdo suyo (que es bellissimo), hace por el contraste, resaltar mas la falta de verdad de raza, que he objetado antes a las figuras de mujer que dan vida a aquella escena.

«A la que no alcanza, sin embargo, este juicio, acaso demasiado severo, es a la India cuyo rostro se oculta contra el suelo del templo, cerca de los piés del P. Valverde. Su cuerpo se retuerce en contracción epiléptica; sus brazos son llevados a un lado y hácia tras, y sus manos se entrelazan, cruzados y apretados espasmódicamente los dedos. Aquello tiene vida: se espera ver rodar ese cuerpo, envuelto en sus vestiduras; se ven, se palpan los músculos flexores de aquel pié que medio apoyado sobre su dedo grande, enseña la planta.

— Es admirable! exclamou Balletto.

— La pesada arquitectura peruana, continuou Behety, su perspectiva y fondo, están perfectamente trasladados al lienzo en el dibujo del templo, digno teatro de todo aquel personal lleno de naturalidad, de vivacidad y de modestia, en el que no se sabe qué admirar mas, si el movimiento dramático, ó la eficacia del colorido ó los efectos de luz, ó la feliz disposición de los grupos, ó la armonia general de las líneas, ó la corrección y elegancia del dibujo, ó la ingenuidad del pincel en todos los detalles, en los rostros, en las actitudes y en las ropas, en la distribución de la luz, y lo sombrío del colorido.

«Tal es ese cuadro de la escuela de Florencia; grande en su concepción y en su ejecución, en el que sacrificadores y victimas se encuentran peculiarmente definidos; tal es esa composición de arte, en el que este luce por el contraste de los afectos y pasiones; tal es ese poema de sublime entonación como los cuadros de la *Iliada* e de los *Lusidas*; tal es esa alta enseñanza historica que transmitirá a los siglos el recuerdo de sangrientas hazañas y del escarmiento providencial de los victimarios alevos: de Almagro, hecho estrangular por Francisco Pizarro; de Francisco Pizarro que es asesinado en su propia casa por los partidarios del hijo de Almagro; del P. Valverde y

Juan Pizarro asesinados por Indios; de Gonzalo Pizarro preso y condenado a muerte por La Gasca con poderes de Carlos V.

terceiro centenario do seu falecemento, é uma das [mais notáveis a nova edição do immortal poema, que celebra as glorias e os feitos portuguezes, emprehendida e levada a cabo pela muito benemerita sociedade do Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro.

Esta prospera e distincta sociedade a que tantos serviços devem as letras patrias e os portuguezes residentes no grande imperio americano, nosso irmão, e da qual brevemente nos occuparemos com mais desenvolvimento, procurou fazer-se representar no grande certame do centenario, não com qualquer expansão que passa e desaparece, mas com um livro que fica e ha de ficar, porque deve adornar a estante de todo o que présa a gloria de Camões e as bellas letras.

A edição, das mais nítidas que se tem feito em Portugal, como todas as que saem da officina do sr. Castro Irmão, pôde pôr-se a par de quantas edições d'aquelle genero nos transmittem os prelos estrangeiros.

O cuidado e esmero com que n'aquella typographia

modelo se tratam estes productos da arte de Guttemberg, vêem-se em cada pagina, palpaem-se em cada linha.

Um retrato de Camões, magnifica gravura de Panmacker, cujo desenho como cabeça do estudo tem certo merecimento, mas pouco conforme ao retrato conhecido do poeta, adorna o frontispicio do poema. Cada canto abre e fecha por uma vinheta allegorica do assumpto d'elle, sendo os desenhos de Macedo, Pedroso e Columbano Bordallo, e as gravuras de Pedroso, Severini e Alberto.

Precede o poema um estudo acerca da significação d'este, e da personalidade de Camões, no meio e tempo em que o compoz, pelo sr. Ramalho Ortigão, que fazendo passar diante de nós todas as grandes figuras que fecharam a idade media e abriram a do renascimento das letras, desenha um quadro vivo e animado do periodo que pretende conglobar. Os navegantes, os mathematicos, os conquistadores, os philosophos, os poetas, os theologos, os santos, os heresiarcas, os reis, as princezas notáveis, os humanistas celebres, veem como que n'um cortejo olympico agrupar-se em torno do vulto gigante do grande poeta. Este estudo, já traduzido em francez, embora nem sempre concordemos com os juizos e apreciações do illustradissimo critico, não deixa de ser notavel, e é um dos trabalhos mais sisudos e graves que se escreveram a respeito de Camões; não desdiz da alteza do poeta, nem da provada critica do espirito que o produziu.

O sr. Adolpho Coelho addicionou á edição umas notas criticas e philologicas sobre a linguagem do poema, que, apesar de breves, tem o valor que distingue os trabalhos do distincto philologo.

Fecha o volume uma noticia historica do Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro pelo sr. Reinaldo Carlos Montoro, na qual o illustre litterato faz sobressair a importancia d'aquella utilissima e sympathica instituição.

As artes e as letras pois, em competencia, correspondendo aos desejos e intenção d'aquella illustre sociedade, deram-se as mãos para que ella podesse levantar um pequeno monumento á gloria do grande poeta, á qual já agora ficará eternamente ligado o nome d'aquella benemerita associação.



UM GAUCHO NA PAMPA (Vide artigo Buenos Aires á Pampa)

— No hagas mal que esperes bien, exclamou Balletto. Larga familia de los Pizarros y Almagros — mirate en el espejo de los *Funerales de Atahuallpa*: los plantadores de sangre, no cosechan sino frutos de muerte; y los frutos son



O DR. TANNER DURANTE OS 40 DIAS SEM COMER.  
(Segundo um desenho do Frank Leslie's Illustrated News-Paper)

siempre mas abundantes que su semilla, sobre todo en las feraces tierras de América.

(Continua)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

#### BIBLIOGRAPHIA

OS LUSIDAS, de Luiz de Camões. — Entre as homenagens prestadas ao grande poeta nacional por ocasião do